

Escrever entre línguas: o portunhol nos cadernos escolares em contextos multilíngues como forma de existir e pertencer

RESUMO

Ana Cláudia Zimmer Reisdorfer

anazimmerpedagoga@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-0071-3223>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

Jorgelina Ivana Tallei

jtallei@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8486-0881>
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, que analisa registros de cadernos de cinco alunos imigrantes hispanofalantes, matriculados do 3º ao 5º ano em escolas municipais de Foz do Iguaçu. Para este texto, apresenta-se uma amostra composta por dois estudantes cubanos, dois paraguaios e um boliviano. De abordagem qualitativa, e com base em materiais produzidos em sala de aula, investigam-se ocorrências do portunhol à luz da interculturalidade (Walsh, 2009), do repertório linguístico (Blommaert; Backus, 2013) e das translinguagens (Oliveira; Leroy, 2024). A análise mobiliza os recursos descritos por Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022), como empréstimos puros e criações híbridas, para evidenciar como os estudantes acionam repertórios plurilíngues em contexto de fronteira. Os resultados indicam que traços frequentemente lidos como “erros” configuram práticas comunicativas situadas, marcadas por pertencimento e negociação de sentidos. Defende-se a valorização do portunhol como recurso didático e identitário, com implicações para políticas linguísticas escolares e práticas pedagógicas sensíveis à diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Portunhol. Translinguagens. Fronteira.

INTRODUÇÃO

Nas margens do Brasil com o Paraguai e a Argentina, Foz do Iguaçu se inscreve como um território marcado pelo trânsito cotidiano de línguas, culturas e pessoas. Inserida em uma tríplice fronteira, a cidade se caracteriza por uma dinâmica social permeada por fluxos migratórios intensos e pela convivência de diferentes repertórios linguísticos. Para além do espaço urbano e do comércio fronteiriço, essas interações atravessam também o cotidiano das instituições escolares, que vêm acolhendo um número crescente de estudantes imigrantes, especialmente hispanofalantes. Como demonstram levantamentos recentes, a presença de mais de 1 100 estudantes internacionais nas escolas da rede municipal de Foz do Iguaçu reflete uma realidade educacional que apresenta novos desafios pedagógicos e exige da escola uma escuta mais sensível à diversidade linguística (Blanco; de Augustinho, 2025). Nesse contexto, torna-se relevante observar como os repertórios dos alunos se manifestam nas práticas escolares, e de que forma essas expressões podem ser compreendidas sob a perspectiva da interculturalidade e da educação multilíngue.

Ao considerar a interculturalidade neste trabalho, amplia-se a compreensão do espaço escolar como território de encontros e de criação de sentidos, como explica Walsh (2009, p. 4):

A partir dessa perspectiva, a interculturalidade é compreendida como uma ferramenta, um processo e um projeto construído pelas pessoas — e como uma demanda que emerge da subalternidade —, em contraste com a interculturalidade funcional, exercida de forma hierárquica, “de cima para baixo”. Sustenta e requer a transformação das estruturas, instituições e relações sociais, bem como a criação de condições distintas de estar, ser, pensar, conhecer, aprender, sentir e viver.¹

Tal concepção desloca a educação de um papel meramente instrutivo para um campo de diálogo entre experiências e saberes, no qual o reconhecimento das diferenças se torna ferramenta para a produção de conhecimento. A escola, ao se abrir para essa dimensão crítica da interculturalidade, deixa de ser um espaço de homogeneização cultural e passa a acolher os sujeitos em sua pluralidade, permitindo que múltiplas vozes participem da construção do saber. Esse movimento não apenas transforma as relações pedagógicas, mas também redefine os sentidos de pertencimento e de aprender, mostrando que educar em meio à diversidade é, antes de tudo, um gesto ético e político de convivência e reconhecimento mútuo.

É sob essa perspectiva que se insere o presente estudo, ao considerar a escola como um espaço de trânsito de identidades e repertórios. O trabalho

procura evidenciar como as experiências cotidianas, registradas nos cadernos, expressam formas de interação, adaptação e construção de sentido em um ambiente marcado pela pluralidade de línguas e culturas.

Entre essas manifestações, pode se destacar a presença do portunhol como fenômeno linguístico que surge do contato entre o português e o espanhol e que, em contextos de fronteira funciona como estratégia comunicativa. Como explica Sturza (2019, p. 95): “Portunhol se define como uma língua resultante do contato linguístico entre o Português e o Espanhol e é identificada como uma língua de contato”. Suas formas variam de acordo com os contextos sociais em que aparece, sendo possivelmente visíveis nas interações espontâneas de sala de aula e nas produções escritas de estudantes imigrantes em ambientes multilíngues.

Apesar da intensa diversidade linguística e cultural que caracteriza o território brasileiro, a história oficial da educação nacional tem sido marcada por políticas de apagamento das línguas em circulação, buscando legitimar o português como idioma único falado no Brasil. Como afirma Berger (2015, p. 47): “No Brasil foram inúmeras as ações sobre as línguas, desde sua colonização, visando à homogeneização linguística em prol da língua portuguesa, que fortaleceram a criação do mito do monolinguismo no país”. Esse processo de silenciamento histórico ainda é visível tanto nas práticas escolares quanto nos discursos normativos sobre a língua, dificultando o reconhecimento de outras formas de expressão linguística. Contudo, essa visão homogeneizada não condiz com a realidade vivida em muitas regiões do país, especialmente nas fronteiras. Como destacam Morello e Seiffert (2019, p. 225):

Não somente há muitas línguas funcionando todo o tempo em contextos claramente multilíngues, como cada uma delas está constituída e delimitada pelas outras. A língua que falamos, que usamos em nossas práticas, é uma língua heterogênea, com palavras vindas de muitas outras línguas, com sotaques e modos de falar que resultam dessa heterogeneidade.

Inserido neste contexto, e alinhado com as ideias destes autores, este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), e propõe analisar registros espontâneos de cadernos escolares (como frases, bilhetes e histórias) produzidos por alunos hispanofalantes do Ensino Fundamental I da rede pública de Foz do Iguaçu.

O objetivo do trabalho é evidenciar expressões que podem ser categorizadas como o portunhol e quais sentidos pedagógicos e identitários podem ser atribuídos a essas ocorrências. Ao considerar esses registros como expressões de pertencimento e de construção de saberes, busca-se contribuir para o debate

sobre políticas linguísticas escolares e práticas pedagógicas mais sensíveis à realidade multilíngue dos territórios de fronteira.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e documental, fundamentada nos princípios interpretativos da abordagem proposta por Denzin e Lincoln (2006), voltada para a observação de práticas linguísticas de alunos imigrantes hispanofalantes matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas de Foz do Iguaçu.

A investigação centra-se na análise de registros escritos encontrados em cadernos escolares, entendidos como materiais autênticos, ou seja, produções reais elaboradas em contextos de aprendizagem. Conforme Morrow (1977 apud Silva e Timmermann, 2023, p. 15): “um texto autêntico é um trecho de linguagem real, produzido por um falante ou escritor real para um público real e projetado para transmitir uma mensagem real de algum tipo.” Essa concepção reforça o caráter espontâneo e significativo dos registros analisados, os quais refletem usos efetivos da língua em situações concretas de interação escolar.

Para este artigo, selecionou-se um recorte composto pelos registros de cinco alunos (dois cubanos, dois paraguaios e um boliviano), matriculados nas escolas municipais de Foz do Iguaçu, escolhidos por apresentarem registros significativos para a análise proposta. A seleção privilegiou produções espontâneas, como redações e respostas discursivas, em detrimento de atividades de cópia ou ditado, com o intuito de observar manifestações mais livres e autênticas da linguagem em uso. Os materiais foram fotografados em alta resolução, seguindo os trâmites éticos da pesquisa e garantindo o anonimato dos participantes.

A análise dos dados considerou como referencial os recursos linguísticos descritos por Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022) para o estudo do spanglish e portunhol, adaptados aqui à observação do portunhol nos cadernos escolares. Entre esses recursos, destacam-se os empréstimos puros e as criações híbridas, compreendidos como marcas que evidenciam a presença de um repertório linguístico em transição e em contato constante entre o espanhol e o português. Conforme Gumperz (1982, apud Blommaert; Backus, 2013, p. 23): “compreender o repertório linguístico implica considerar o conjunto das variedades, dialetos e estilos de língua empregados em uma comunidade, bem como os gêneros e atos de fala que caracterizam suas práticas comunicativas.”²

Nesse contexto, os repertórios linguísticos dialogam diretamente com a noção de translanguagem, uma vez que ambos se constroem a partir da mobilização de recursos que ultrapassam fronteiras linguísticas fixas. Explicando esse conceito, Oliveira e Leroy (2024, p. 99) definem:

Assim, as translinguagens são um fenômeno político-linguístico que constitui um repertório ou continuum linguístico de um determinado sujeito que habita um determinado contexto e que, estrategicamente, performará variados traços linguísticos que constituem o seu repertório a partir da sua necessidade real de comunicação, de resistência e de sobrevivência.

Essa perspectiva pode evidenciar que o uso da língua, especialmente em contextos multilíngues como o da fronteira, não se reduz à alternância entre sistemas autônomos, mas se manifesta como prática social situada e criativa. Ao analisar as produções linguísticas dos alunos sob a perspectiva das translinguagens, é possível reconhecer nelas gestos de agência e pertencimento, nos quais a linguagem atua como meio de interação, afirmação identitária e sobrevivência simbólica em contextos de diversidade.

Esses traços, quando identificados nas produções dos alunos, são interpretados como indícios do portunhol enquanto prática linguística significativa no cotidiano escolar. Assim, o foco da investigação não está em quantificar ou classificar erros, mas em compreender como determinadas escolhas linguísticas revelam um modo de existir na fronteira, em que a língua se torna também espaço de pertencimento e resistência. O portunhol, nesses registros, funciona como uma ferramenta expressiva que desafia o monolinguismo escolar e evidencia os trânsitos culturais e linguísticos que caracterizam o contexto da Tríplice Fronteira.

Toda a pesquisa foi conduzida conforme os princípios éticos da Resolução 510/16, autorizada pelo comitê de ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com número do parecer 7.417.086, com autorização da Secretaria Municipal de Educação e consentimento dos responsáveis legais dos estudantes. Os dados foram tratados com sigilo e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, respeitando a dignidade e a identidade linguística dos participantes.

PORTUNHOL COMO LÍNGUA DE CONTATO E ELEMENTO IDENTITÁRIO

Em contextos de fronteira, como o da cidade de Foz do Iguaçu, o portunhol aparece não apenas como um resultado do contato entre o português e o espanhol, mas como prática social e identitária do cotidiano dos falantes. Compreendê-lo apenas sob a ótica da interferência linguística, ou como uma etapa transitória de aprendizagem, esvazia suas dimensões culturais, afetivas e históricas. A esse respeito, Sturza (2019, p. 108) adverte que “tratar apenas do contato entre gramáticas de duas línguas reduz a abordagem a uma visão formalista[...]”, indicando a possibilidade de enxergar o portunhol como um fenômeno situado, carregado de sentidos e afetos.

Quando a escola interpreta o portunhol unicamente como falha, ela também pode silenciar a vivência dos sujeitos que o produzem. Ao contrário, ao reconhecê-lo como um elemento identitário, ampliam-se as possibilidades pedagógicas e abre-se espaço para uma educação mais sensível à diversidade linguística e cultural. Como observa Sturza (2019, p. 109): “falar portunhol é reivindicar um código, mas também um lugar/um território”, revelando que essa prática carrega significados políticos, afetivos e comunitários. Ao analisar os registros escolares de alunos imigrantes em Foz do Iguaçu, é possível perceber que o portunhol não é apenas uma forma de alternar línguas, mas de se fazer presente e resistir.

Escrever ou falar em portunhol, nesse contexto, é também afirmar pertencimento e identidade na fronteira, com todos os desafios e significados que este ato envolve. Ao ocupar as páginas dos cadernos, essa prática deixa de ser simples indício de erro ou interferência para se tornar manifestação de repertórios linguísticos e identitários. Reconhecê-lo é, portanto, um gesto pedagógico e político de acolhimento dos sujeitos e de suas formas de existir por meio da linguagem.

Em um de seus estudos Sturza (2019) propõe uma classificação entre diferentes formas de ocorrência do portunhol, demonstrando que este não é um fenômeno linguístico homogêneo ou estático, mas sim uma pluralidade de práticas relacionadas a contextos específicos. Segundo a autora: “há, como já afirmei, pelo menos quatro ocorrências do Portunhol e suas ocorrências relacionam-se com práticas sociais de uso da língua” (Sturza, 2019, p. 109). Essas ocorrências são: o Portunhol Uruguaio (entendido como portunhol fronterizo), o Portunhol como interlíngua, o Portunhol de interação comunicativa e o Portunhol Selvagem, este último associado à criação literária e à estética da resistência (Sturza, 2019). As distinções propostas por Sturza (2019) ajudam a delimitar os sentidos possíveis do termo:

O Portunhol Salvaje remete ao cenário de uma fronteira geopolítica, mas também está na base da criação de uma fronteira estética. O Portunhol-Interlíngua, por outro lado, estabelece uma fronteira entre falar bem e falar mal o português e/ou o espanhol, a fronteira da medida da proficiência. Por outro lado, o Portunhol Uruguaio é uma língua étnica, língua de herança de muitas famílias de origem luso-brasileira na região norte do Uruguai, por isso um patrimônio linguístico e cultural. Em outras fronteiras, o Portunhol Língua de Interação Comunicativa funciona na dinâmica das relações cotidianas, informais, de aspecto pragmático e dispersa-se em distintas zonas limítrofes, inclusive nas que não são geopolíticas, de uma comunidade imaginada (Sturza, 2019, p. 113).

Entre essas quatro formas de ocorrência, a que mais dialoga com o contexto analisado neste estudo é o portunhol como língua de interação comunicativa. Essa modalidade surge no cotidiano, da necessidade de circulação e da convivência

entre línguas em contextos multilíngues. Está mais relacionada à experiência viva do contato do que à estrutura gramatical das línguas envolvidas. Na fronteira Brasil - Paraguai - Argentina, por exemplo, nos cadernos escolares de estudantes hispanofalantes, observam-se ocorrências que, embora possam ser lidas como “mistura”, funcionam como forma de expressão, comunicação e pertencimento, e cuja desqualificação por critérios puramente normativos pode ser repensada.

Nos espaços escolares situados em zonas de fronteira, o portunhol não se limita ao plano da oralidade: ele pode ser percebido também nos cadernos, nos bilhetes, nas provas, nas falas transcritas e nas múltiplas formas de produção textual dos estudantes. Essa perspectiva desestabiliza a concepção de uma única língua para a produção do saber, ao reconhecer as possibilidades dos repertórios híbridos em sala de aula. Como enfatiza Zolin-Vesz (2014, p. 328):

Uma pedagogia translíngue para o ensino de línguas proporciona, portanto, construir uma sala de aula pautada na equidade entre os alunos, em que todos detêm oportunidades iguais para participar, já que o objetivo é criar sentidos. Em vez de ‘a resposta correta’ e ‘a voz singular’, múltiplas vozes, múltiplas línguas são convocadas.

A ocorrência do portunhol na escrita de alunos hispanofalantes pode não ser compreendida apenas como reflexo de um domínio ainda incompleto da língua portuguesa, mas como uma estratégia comunicativa situada, que mistura, alterna e recria a língua partir dos recursos disponíveis na tentativa de produzir sentidos. Como destacam Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022, p. 2), ao analisarem o funcionamento do spanglish, adaptado ao portunhol: “[...]muitos falantes escolhem fazer uso de uma variedade híbrida, produto do encontro de línguas e culturas, até o ponto de se converter numa variedade diária com um discurso multilíngue e uns padrões repetidos e estabelecidos.”. Essas formas podem ser entendidas como práticas de identidade e resistência, o que também se observa nas práticas escritas desenvolvidas por estudantes em contextos de fronteira entre o português e o espanhol.

Os registros encontrados nos cadernos escolares revelam percursos de aprendizagem que desafiam os moldes tradicionais de ensino de língua, apontando para formas híbridas e contextualizadas de significação. Nesse sentido, a presença do portunhol nas produções escolares pode ser compreendida como prática viva, situada e funcional. Como observa Sturza (2019, p. 108):

O portunhol é uma língua predominantemente oral, talvez por essa razão venha se expandido, venha marcando um espaço de interação comunicativa, necessária para a manutenção de uma fluidez nas relações entre grupos sociais e comunitários distintos.

Essa fluidez, ao atravessar o espaço da escola, desafia os limites da norma e apresenta novas possibilidades de comunicação, aprendizagem, resistência e pertencimento.

Ao observarmos o portunhol na escola como prática híbrida e pedagógica, desloca-se o foco da correção para o processo de produção de sentido. Nesse processo, o que está sendo mobilizado não é apenas o aprendizado de uma nova língua, mas a construção de pertencimentos e a possibilidade de se expressar. Essa compreensão desafia a lógica monolíngue que ainda rege muitas práticas escolares e convida à valorização dos repertórios plurilíngues dos estudantes. Como afirmam Yip e García (2017, p. 169):

Quando as crianças falantes de línguas minoritárias são estimuladas para se expor em um idioma ou em outro, elas ainda estão desenvolvendo internamente o seu repertório linguístico completo. Ou seja, sendo alunos bilíngues acabam por reprimir parte de suas capacidades linguísticas, e outras capacidades de seu repertório é que são sempre ativadas.

O desafio, portanto, não está em eliminar o portunhol da sala de aula, mas em compreendê-lo como parte constitutiva da experiência linguística e escolar de sujeitos imigrantes em contextos de fronteira. E para além de compreendê-lo, buscar formas de possibilitar seu uso como estratégia de comunicação e pertencimento.

Apesar de sua presença recorrente em territórios de fronteira, o portunhol frequentemente carrega o peso do preconceito. No contexto escolar, essa prática linguística é muitas vezes interpretada como sinal de erro, de fala errada ou de deficiência na aprendizagem da língua portuguesa. Essa leitura reducionista ignora a complexidade sociolinguística que estrutura a produção de alunos imigrantes hispanofalantes em processo de aprendizagem do português. Como propõe Zolin-Vesz (2020) ao pensar o portunhol por outra via:

[...] envolve considerar o movimento entre as fronteiras linguísticas do português e do espanhol, ou seja, envolve um 'aprender movendo-se', uma vez que essas fronteiras linguísticas em sala de aula, exponencialmente, se tornam mais fluidas e porosas, maximizadas pela proximidade entre ambas as línguas (Zolin-Vesz, 2020, p. 237).

Esse “aprender em movimento” desafia a escola a rever suas práticas avaliativas e pedagógicas, reconhecendo no portunhol não um obstáculo, mas uma oportunidade de aprendizagem situada em ambiente multilíngue e intercultural.

Essa dicotomia entre perceber o portunhol como erro e possibilidade é objetivo de estudo de autores como Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022), os quais indicam que o portunhol e o spanglish possuem uma estrutura interna que responde a dinâmicas socioculturais específicas, e não se trata de uma mistura aleatória de línguas, mas de um modo estruturado de comunicação em contextos bilíngues e multilíngues. Ainda que essas variedades híbridas não contem com um órgão regulador ou uma gramática oficializada, “dispõem de alguns padrões repetidos e usos linguísticos estudados, bem argumentados e justificados que, na maioria dos casos, fazem desaparecer aquela concepção negativa destas variedades orais e escritas” (Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués, 2022, p. 6).

A partir dessa visão, o portunhol presente nos cadernos pode ser entendido como uma forma de expressão e de participação dos alunos, principalmente em contextos em que falar apenas uma língua “certa” é visto como requisito para ser aceito e demonstrar aprendizado.

Como enfatiza Zolin-Vesz (2020), um olhar sensível é fundamental para que se construa uma pedagogia sensível aos trânsitos linguísticos e culturais, especialmente em regiões de fronteira, onde se faz necessário reconhecer e valorizar formas de expressão que escapam à norma. Nessa direção, o autor afirma que: “a pedagogia translíngue, portanto, se refere à construção de práticas linguísticas flexíveis, híbridas, que estão nas margens, a fim de desenvolver novas compreensões e novas práticas linguísticas[...]” (Zolin-Vesz, 2020, p. 326). Nessa perspectiva, os cadernos escolares não apenas registram o esforço de aprendizagem da língua portuguesa, mas evidenciam um repertório linguístico híbrido, que pode criar um movimento em direção da escola a repensar suas práticas e seus critérios de avaliação da linguagem.

Diante disso, é possível que a escola possa deixar de ver o portunhol como um ruído no processo de escolarização e passar a reconhecê-lo como prática significativa, situada e carregada de sentido. Sua presença pode tornar-se um instrumento didático e uma possibilidade de interpretação da realidade sociolinguística de alunos que habitam e escrevem a fronteira todos os dias.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentados e discutidos cinco registros extraídos de cadernos escolares de alunos hispanofalantes matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas da rede municipal de Foz do Iguaçu. Os trechos selecionados foram produzidos espontaneamente pelos estudantes em sala de aula, e evidenciam traços linguísticos que se alinham ao que Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022) descrevem como recursos do Spanglish e Portunhol, aqui adaptados para o contexto do portunhol nos cadernos escolares.

A análise busca interpretar as ocorrências não como desvios a serem corrigidos, mas como expressões de uma prática linguística situada, identitária e pedagógica, que desafia os limites do monolinguismo escolar e aponta para a necessidade de um olhar mais sensível aos trânsitos linguísticos nas salas de aula de fronteira.

REGISTRO 1 – BILHETE ESCRITO PELO ALUNO J. MATRICULADO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, IMIGRANTE DE CUBA. ESTÁ NO BRASIL DESDE 2024.

Figura 1: Bilhete produzido por aluno hispanofalante.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O bilhete escrito por J. conforme a Figura 1, expressa uma mensagem afetiva dirigida à avó, mesclando traços das línguas espanhola e portuguesa de forma fluida e espontânea. Observam-se aqui marcas do portunhol, como o uso de formas híbridas e empréstimos puros, conforme descrito por Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022). O vocábulo “hola” (empréstimo puro do espanhol) abre a mensagem e estabelece. Em seguida, a expressão “qui eres benir” pode ser interpretada como tentativa de escrever *quieres* (queres), e *benir* resulta da aproximação entre o português *vir* e o espanhol *venir*, configurando uma criação híbrida. O segmento “micuela” é uma forma ainda instável, possivelmente resultado da junção ou aproximação entre *mi escuela* (minha escola). Por fim, o verbo *charlar*, em espanhol, permanece escrito na língua materna, outro empréstimo puro.

Essa escrita espontânea pode ilustrar uma situação em que o portunhol funciona como um recurso expressivo e tentativa de produção de sentido. Ao mobilizar repertórios plurilíngues para comunicar-se, o aluno revela estratégias linguísticas e afetivas. Ao invés de ser apagado, esse tipo de registro pode ser interpretado como índice de um processo de aprendizagem em trânsito, no qual a fronteira entre as línguas se torna produtiva para a construção de sentido.

REGISTRO 2 – BILHETE ESCRITO PELA ALUNA A. B. P. MATRICULADA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, IMIGRANTE DO PARAGUAI. ESTÁ NO BRASIL DESDE FEVEREIRO DE 2025.

Figura 2: História em quadrinho produzida por aluna hispanofalante.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O trecho analisado, conforme Figura 2, foi extraído de uma produção de história em quadrinhos elaborada pela aluna A. B. P. O registro evidencia o trânsito entre o português e o espanhol, caracterizando-se como manifestação do portunhol nos cadernos escolares. A frase inicial, “*Pero um dia*”, combina o conectivo espanhol “*pero*” com a estrutura de frase do português, revelando um empréstimo puro. Em “*quebró seu pé*”, o verbo está conjugado em espanhol (*quebró*), enquanto o restante da oração mantém o padrão do português, constituindo uma mescla linguística, um fenômeno interpretável como criação híbrida (Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués, 2022).

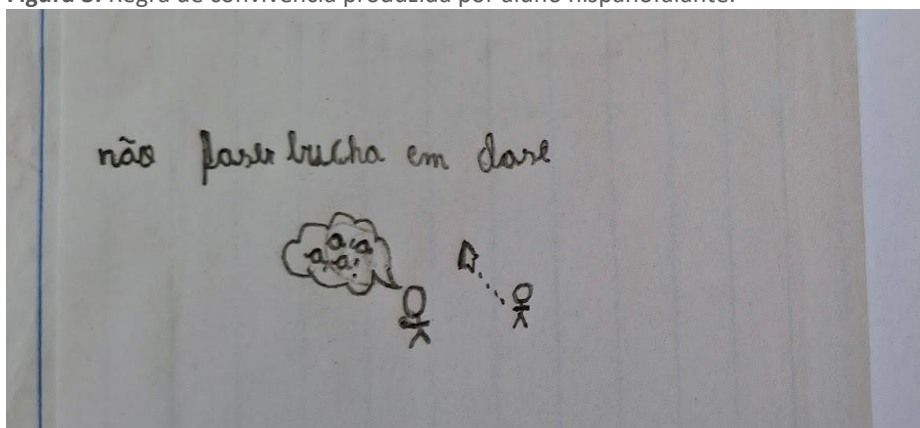
O uso da forma reduzida “*taba*”, em vez de “*estava*”, pode evidenciar um registro oral que circula em ambos os idiomas em contextos informais, revelando que reproduziu por escrito uma forma de falar comum. Registrado dessa forma, é possível entender como empréstimo puro do espanhol. Além disso, a repetição da ideia de fratura no final (“*taba quebrado*”) reforça a tentativa de construção da frase, buscando produzir sentido mesmo fora da norma padrão.

A escrita de A. B. P. mostra que, mesmo em gêneros narrativos como a história em quadrinhos, os alunos mobilizam elementos do seu repertório bilíngue

para narrar experiências. Ao invés de tratar essas escolhas como erro, a análise propõe compreendê-las como estratégias de expressão, que revelam a possibilidade do portunhol nos cadernos escolares como prática comunicativa situada.

REGISTRO 3 – REGRA DE CONVIVÊNCIA ESCRITA PELO ALUNO R. MATRICULADO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, IMIGRANTE DE CUBA. ESTÁ NO BRASIL DESDE 2024.

Figura 3: Regra de convivência produzida por aluno hispanofalante.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Este registro da Figura 3 foi produzido por R., aluno cubano matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental, durante uma atividade que propunha a construção coletiva de regras de convivência. A frase escrita pelo estudante está acompanhada por um desenho representando um colega chamando o outro, o que sugere uma tentativa de alertar sobre comportamentos que perturbam o ambiente de aprendizagem.

A produção revela marcas de um repertório bilíngue em uso. A expressão “clase” constitui um empréstimo puro do espanhol, mantendo sua forma original no lugar de “classe” ou “sala de aula” em português, fenômeno identificado por Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022) como típico de práticas linguísticas híbridas em contextos de bilinguismo.

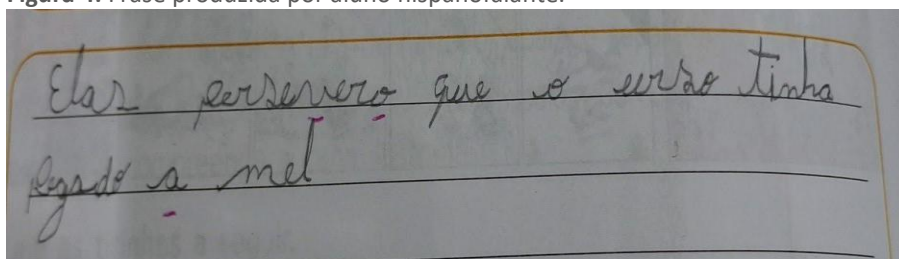
A palavra “bucha” pode ser interpretada como uma criação híbrida derivada da palavra espanhola *bulla*, que significa *barulho*, *algazarra*, *tumulto*. Ao trazer essa palavra para o contexto escrito em português, o aluno não apenas traduz uma ideia, mas constrói um sentido compartilhado entre as línguas, o que reforça o caráter criativo e situado do portunhol.

Esse registro mostra que, mesmo ao tratar de um gênero normativo, o aluno mobiliza seu repertório linguístico completo, alternando entre idiomas de maneira

fluida e significativa. Ao invés de compreender tais ocorrências como erros a serem corrigidos, a análise propõe valorizá-las como expressões de um sujeito que mobiliza línguas diferentes em processo de aprendizagem, cuja escrita carrega marcas identitárias e culturais que merecem ser reconhecidas.

REGISTRO 4 – FRASE ESCRITA PELO ALUNO M. A. M. MATRICULADO NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, IMIGRANTE DA BOLÍVIA. ESTÁ NO BRASIL DESDE 2024.

Figura 4: Frase produzida por aluno hispanofalante.



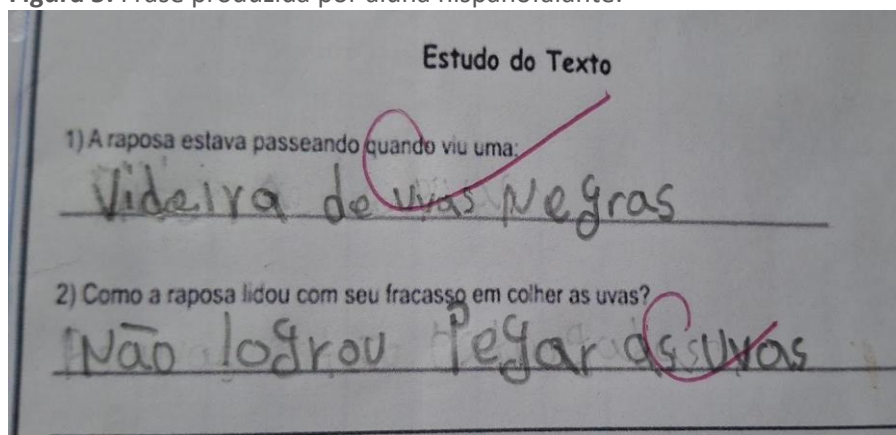
Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A frase, apresentada na Figura 4, foi produzida por M. A. M., aluno boliviano matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental, enquanto respondia uma atividade de interpretação de texto. A frase apresenta uma combinação de elementos do espanhol e do português, configurando-se em um exemplo que pode ser entendido como portunhol que acontece na escola. O uso do verbo “*persevero*” parece resultar de uma tentativa de escrever o verbo no passado (possivelmente “*perceberam*”). Essa escolha pode estar relacionada à semelhança entre os sons das letras “b” e “v”, que em muitas variantes do espanhol, são pronunciadas de maneira muito próxima ou até idêntica. Isso pode levar o aluno a escrever as palavras com uma ou outra letra de forma indiferenciada, especialmente quando tenta transpor a oralidade para a escrita em uma nova língua. O resultado é uma forma verbal que não pertence nem ao português nem ao espanhol, mas que expressa sentido no contexto da frase.

Nessa perspectiva, “*persevero*” pode ser interpretado como uma criação híbrida, resultado do uso de repertório bilíngue. Conforme descrevem Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022), esse tipo de produção é característico de contextos multilíngues, nos quais os sujeitos criam formas linguísticas originais que não são meramente erros, mas estratégias de expressão situadas, que revelam a dinâmica do portunhol na escola como prática viva e significativa.

REGISTRO 5 – FRASE ESCRITA PELA ALUNA A. B. P. MATRICULADA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, IMIGRANTE DO PARAGUAI. ESTÁ NO BRASIL DESDE 2025.

Figura 5: Frase produzida por aluna hispanofalante.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As frases expostas na Figura 5 foram produzidas pela aluna durante atividade de interpretação textual. O uso do verbo *logrou*, embora exista em português, é claramente influenciado pelo espanhol *lograr*, que significa *conseguir* ou *alcançar*. Em português, o verbo *lograr* tem significado, geralmente associado à ideia de *enganar* ou *obter algo por astúcia*. Essa escolha é mais um exemplo de empréstimo puro conforme a tipologia adaptada por Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022), pois o termo em português é utilizado, porém com o sentido que possui em espanhol.

A frase evidencia que a aluna possui um repertório bilíngue e busca, com os conhecimentos de sua língua materna, construir sentidos em língua portuguesa e se fazer entender. Não se trata de uma falha, mas de uma tentativa de produção, em que o portunhol pode funcionar como ferramenta de comunicação e ponte entre as línguas. Esses registros reforçam a ideia de que a escola ao reconhecer estas marcas, pode ampliar seu olhar e adaptar as práticas pedagógicas, adotando uma postura mais sensível à pluralidade linguística e cultural presente nos territórios de fronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou refletir sobre algumas produções escritas de alunos imigrantes hispanofalantes do Ensino Fundamental I em escolas públicas de Foz do Iguaçu, visando entendê-las enquanto manifestações do portunhol. Ao analisar registros reais de cadernos escolares, procurou-se evidenciar de que modo as práticas híbridas, resultantes do contato constante entre português e espanhol,

atravessam o cotidiano da escola e desafiam concepções normativas sobre o ensino da língua portuguesa.

Conforme destacam Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022, p. 2): “é possível encontrarmos espaços geográficos interculturais ou multiculturais, especificamente nas áreas de fronteira, onde duas ou mais línguas se encontram e se misturam, mas nunca dificultando o processo de comunicação efetiva”. Essa constatação reafirma que o contato linguístico não configura, necessariamente, um entrave à aprendizagem, mas sim um modo próprio e criativo de produzir sentido, especialmente em contextos em que a convivência entre línguas é uma experiência cotidiana.

As ocorrências analisadas ao longo do artigo indicam que, mais do que interferências do espanhol no português, os registros revelam a presença de um repertório bilíngue em construção e de práticas comunicativas situadas. Como já apontado por Sturza (2019), portunhol é uma língua predominantemente oral e, ao ocupar as páginas dos cadernos escolares, se projeta também como forma de resistência ao silenciamento linguístico/identitário e como expressão de pertencimento.

Nesse sentido, os dados discutidos evidenciam que a aprendizagem da língua portuguesa, em contextos multilíngues como o da fronteira, é marcada por usos e repertórios múltiplos. Ao observarmos que os alunos usam elementos do espanhol e do português de forma criativa na escrita, podemos compreender essas produções não como simples erros, mas como maneiras de construir sentido, se comunicar e existir no cotidiano escolar. Considerar essas produções como elementos do portunhol que acontece na escola é também um gesto político e pedagógico.

Como discutido, o portunhol desafia o mito do monolinguismo que ainda estrutura muitas práticas escolares e currículos. Ao invés de ser apagado, pode ser valorizado como apoio para o aprendizado, como ligação entre diferentes culturas e como espaço para conversar entre a norma e a experiência dos alunos. Como reforça Sturza (2019, p. 110): “o Portunhol Interação Comunicativa também significa a mistura particular que cada falante faz quando em contato com uma das duas línguas, usando-a, antes de tudo, para interagir, da maneira mais eficiente possível”.

Além dos registros analisados, a vivência da pesquisadora durante o trabalho de campo revelou contrastes significativos entre as práticas escolares observadas. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, tornou-se evidente que ainda há um longo caminho a ser percorrido pelas escolas no que se refere ao acolhimento linguístico de estudantes imigrantes. Embora a rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu conte com políticas de inserção e acolhimento desses sujeitos, o que se observa, na prática, é uma orientação pedagógica centrada quase exclusivamente no ensino da norma-padrão da língua portuguesa, sem

consideração efetiva pelos aspectos culturais e linguísticos que compõem a trajetória desses alunos.

Essa constatação se manifestou de forma marcante durante as visitas às escolas. Em alguns cadernos, foi possível perceber que os traços da língua materna dos estudantes haviam sido sistematicamente apagados dos cadernos, como evidenciam marcas visíveis de borracha e correções. Conversas informais com docentes revelaram que essa prática parece decorrer de uma concepção historicamente construída em torno do mito do monolinguismo, que ainda orienta, de forma implícita, muitas ações pedagógicas e avaliações da escrita escolar.

Por outro lado, algumas escolas apresentaram posturas diferentes. Por iniciativa das próprias professoras, os registros em portunhol foram preservados e, em certos momentos, utilizados como ponto de partida para atividades de refacção que exploravam o léxico da língua portuguesa em diálogo com o espanhol. Nessas situações, a escuta da língua do aluno foi valorizada como parte do processo de aprendizagem. Tais experiências revelaram um maior número de produções espontâneas, indicando que a abertura à diversidade linguística pode favorecer a participação e o pertencimento dos estudantes, estimulando o uso do idioma em construção sem que a língua materna seja apagada.

Essas observações, ainda que não sistematizadas por entrevistas formais, suscitam uma reflexão sobre as diretrizes atuais voltadas ao ensino de imigrantes: embora haja políticas declaradas de acolhimento, muitas delas não se efetivam nas práticas escolares. Importa ressaltar que as ações que acolhem a diversidade linguística, quando existem, partem do engajamento individual dos professores. Em um cenário no qual os docentes já acumulam inúmeras funções, é fundamental que as secretarias de educação assumam a responsabilidade pela proposição de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade, garantindo formação, materiais e apoio técnico para que o acolhimento linguístico se torne uma diretriz efetiva e não uma exceção.

Por fim, considera-se que os dados aqui apresentados, ainda parciais, contribuem para o debate sobre práticas pedagógicas mais sensíveis aos trânsitos linguísticos e culturais em contextos de fronteira. Espera-se que estudos futuros aprofundem essa reflexão, ampliando a compreensão sobre como professores e instituições educacionais podem acolher e valorizar os repertórios dos alunos, não como obstáculos à aprendizagem, mas como pontos de partida para a construção do conhecimento. Como enfatizam Morello e Seiffert (2019, p. 233: “contextos plurilíngues como o da fronteira são uma oportunidade para avançar na proposição de novos modelos educacionais que contemplem esse patamar das línguas no Brasil”, o que reforça a necessidade de se pensar políticas linguísticas escolares mais alinhadas às realidades que se desenham nas salas de aula fronteiriças.

Writing between languages: portuñol in school notebooks in multilingual contexts as a way of being and belonging

ABSTRACT

This article presents partial results from an ongoing master's research that analyzes notebook records from five Spanish-speaking immigrant students enrolled in the 3rd to 5th grades of municipal schools in Foz do Iguaçu, Brazil. For this paper, a sample composed of two Cuban, two Paraguayan, and one Bolivian student is presented. Using a qualitative approach and classroom-produced materials, the study investigates occurrences of Portuñol in light of interculturality (Walsh, 2009), linguistic repertoire (Blommaert; Backus, 2013), and translanguaging (Oliveira; Leroy, 2024). The analysis draws on the framework proposed by Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022), including pure borrowings and hybrid creations, to show how students activate multilingual repertoires in a border context. The findings indicate that features often interpreted as "errors" actually represent situated communicative practices marked by belonging and negotiation of meaning. The study argues for the recognition of Portuñol as both a pedagogical and identity resource, with implications for school language policies and teaching practices responsive to linguistic diversity.

KEYWORDS: Portuñol. Translanguaging. Border.

Escribir entre lenguas: el portuñol en los cuadernos escolares en contextos multilingües como forma de existir y pertenecer

RESUMEN

Este artículo presenta resultados parciales de una investigación de maestría en curso, que analiza registros de cuadernos de cinco alumnos inmigrantes hispanohablantes, matriculados entre el 3º y el 5º año en escuelas municipales de Foz do Iguaçu. Para este texto, se presenta una muestra compuesta por dos estudiantes cubanos, dos paraguayos y un boliviano. Con un enfoque cualitativo y basado en materiales producidos en el aula, se investigan ocurrencias del portuñol a la luz de la interculturalidad (Walsh, 2009), del repertorio lingüístico (Blommaert; Backus, 2013) y de las translenguajes (Oliveira; Leroy, 2024). El análisis moviliza los recursos descritos por Tugues Rodríguez; Nadin; Giménez-Folqués (2022), como préstamos puros y creaciones híbridas, con el fin de evidenciar cómo los estudiantes activan repertorios multilingües en un contexto de frontera. Los resultados indican que los rasgos frecuentemente interpretados como “errores” constituyen prácticas comunicativas situadas, marcadas por pertenencia y negociación de significados. Se defiende la valorización del portuñol como recurso didáctico e identitario, con implicaciones para las políticas lingüísticas escolares y las prácticas pedagógicas sensibles a la diversidad.

PALABRAS CLAVE: Portuñol. Translenguajes. Frontera.

NOTAS

1 Tradução nossa, do original em espanhol: Desde esta posición, la interculturalidad se entiende como una herramienta, como un proceso y proyecto que se construye desde la gente -y como demanda de la subalternidad-, en contraste a la funcional, que se ejerce desde arriba. Apuntala y requiere la transformación de las estructuras, instituciones y relaciones sociales, y la construcción de condiciones de estar, ser, pensar, conocer, aprender, sentir y vivir distintas.

2 Tradução nossa, do original em inglês: Understanding the linguistic repertoire involves considering the set of language varieties, dialects, and styles used within a community, as well as the genres and speech acts that characterize its communicative practices

REFERÊNCIAS

BERGER, Isis Ribeiro. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil-Paraguai**: um olhar a partir do Observatório da Educação na Fronteira (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

BLANCO, Ariel Matías; DE AUGUSTINHO, Fabiano. **Mapeamento demolinguístico de estudantes internacionais na rede municipal de educação de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: UNILA; SMED, 2025.

BLOMMAERT, J.; BACKUS, A. Superdiverse Repertoires and the Individual. In: SAINT-GEORGES, I.; WEBER, J. (ed.). **Multilingualism and Multimodality**: Current Challenges for Educational Studies. Rotterdam: Sense, 2013. p. 11-32.

CARDOSO SILVA, Marcos Gabriel; DE SOUZA TIMMERMAN, Rafael. Materiais Autênticos e Ensino de Língua Inglesa: Conceitos e Desdobramentos. **Revista de Letras - JUÇARA**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 314-331, 2023. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/3233> Acesso em: 23 out. 2025.

DENZIN, Norman. K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORELLO, Rosângela; SEIFFERT, Ana Paula. Multilinguismo e Ensino nas Fronteiras. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Nº 43, jan-jun 2019.

OLIVEIRA, Daniel Alves de; LEROY, Henrique Rodrigues. “Negro drama – Racionais MC’s”: o pretuguês translíngue e os letramentos racial crítico e decolonial como políticas de (re)existência. In: MARINS-COSTA, Elzimar de; SARTORI, Adriane

Teresinha (org.). **Diálogos entre a universidade e a escola: contribuições do Profletras** [livro eletrônico]. Campinas: Mercado de Letras, 2024. p. 89-124.

STURZA, Eliana Rosa. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, p. 95-116, abr. 2019. DOI: 10.22409/gragoata.2019n48a33621. Disponível em: ['Portunhol': língua, história e política | Gragoatá](#) Acesso em 28 mai. 2025.

TUGUES RODRÍGUEZ, Cristian; NADIN, Odair Luiz; GIMÉNEZ-FOLQUÉS, David. Os paralelismos das línguas em contato: as relações interlinguísticas do Spanglish e do Portunhol. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 66, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/KHTYvF5CBbbspskY4pbNyMz/?format=html&lang=pt> Acesso em: 2 jun. 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine (Comps.). **Construyendo Interculturalidad Crítica**. La Paz: Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-96.

YIP, Joana, GARCÍA, Ofélia. (2018). Translinguagens: recomendações para educadores. **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales IX**, pp. 164 - 177. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/translinguagens-recomendacoes-educadores> Acesso em 2 jul. 2025.

ZOLIN-VESZ, Fernando. Como ser feliz em meio ao portunhol que se produz na sala de aula de espanhol. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 324–332, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/111876> Acesso em: 28 maio 2025.

Recebido: 31 jul. 2025

Aprovado: 18 dez. 2025

DOI: 10.3895/rtr.v10n0.20642

Como citar: REISDORFER, A. C. Z.; TALLEI, J. I. Escrever entre línguas: o portunhol nos cadernos escolares em contextos multilíngues como forma de existir e pertencer. **R. Transmutare**, Curitiba, v. 10, e20642, p. 1-20, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Ana Cláudia Zimmer Reisdorfer

anazimmerpedagoga@gmail.com

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

